

**O BEM-ESTAR DOCENTE E A AFETIVIDADE ENTRE PROFESSOR/ALUNO:
PERCEPÇÃO DAS ESTAGIÁRIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

*Eliane Terezinha Tulio Ferronato**

RESUMO: Este trabalho trata sobre a importância da afetividade entre professores e alunos para o Bem-estar docente. Tem como objetivo compreender a percepção de cinco estagiárias do Curso de Pedagogia sobre o relacionamento entre professores e alunos observados no Estágio Supervisionado obrigatório nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A metodologia se deu por meio de análise dos relatórios finais, para compreender quais foram as percepções destas estagiárias nas observações realizadas nas escolas municipais do município de Maracaju/MS. Verificamos que os docentes, para compreender seu estado emocional, precisam aprender a avaliar e trabalhar com suas próprias emoções e as emoções de seus alunos e colegas. A afetividade entre professores e alunos é imprescindível para que tanto professores como os alunos desenvolvam fatores de Bem-estar. Essa é uma das formas para melhorar e diminuir as tensões e os conflitos entre professores e alunos e transformar a escola em um espaço acolhedor.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade. Bem-estar docente. Estágio Supervisionado.

**TEACHER WELL-BEING AND AFFECTION BETWEEN TEACHER/STUDENT:
PERCEPTION OF INTERNS IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL**

SUMMARY: This work deals with the importance of affection between teachers and students for teacher well-being. It aims to understand the perception of five interns from the Pedagogy Course on the relationship between teachers and students observed in the mandatory Supervised Internship in the initial years of Elementary School. The methodology was carried out through analysis of the final reports, to understand the perceptions of these interns in the observations carried out in municipal schools in the city of Maracaju/MS. We found that teachers, to understand their emotional state, need to learn to evaluate and work with their own emotions and the emotions of their students and colleagues. Affection between teachers and students is essential for both teachers and students to develop well-being factors. In this sense, teachers who deny affection, viewing it as unprofessional, only increase tensions and conflicts in the classroom, transforming it into a hostile and unwelcoming space.

KEYWORDS: affectivity. Teacher well-being. Supervised internship.

* Doutorado em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco. Professora adjunta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: Nany18ferronato@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9224-5245>

Introdução

Esta pesquisa trata sobre o trabalho docente e a importância do afeto entre professores e alunos para que se construa fatores de Bem-estar na escola como um todo¹. O trabalho docente é permeado por muitos desafios que estão detalhados em pesquisas realizadas por Tardif (2005), Marcelo Garcia (1999), Nóvoa (2007), Esteve (1999), Jesus (2007), entre outros. Essas dificuldades tem a ver com a particularidade da profissão docente, um trabalho que envolve sujeitos individuais, heterogêneos, com histórias diferentes, interesses, necessidades e afetividades particulares de cada um (Silva; Sampaio, 2018, p.7), o que torna o ensino complexo, imprevisível e não passível de generalizações. E essas particularidades da profissão desencadeia fatores tanto de Mal-estar e ou Bem-estar docente.

O termo Mal-estar docente, conforme Esteve (1999), é um conceito da literatura pedagógica que tem a pretensão de sintetizar o conjunto de reações dos professores como um grupo profissional desajustado devido às mudanças sociais aceleradas.

Ao problematizar o fenômeno do Mal-estar docente Esteve (1999), explica que é necessário distinguirmos a dor do Mal-estar, pois “[...] a dor é algo determinado e que podemos localizar, a enfermidade tem sintomas manifestos, porém, ao usarmos a expressão Mal-estar sabemos que algo não vai bem, porém não somos capazes de definir o que é que não anda bem e porque” (p.12), e Jesus (2004) explica que o Mal-estar na docência implicam “conceitos de insatisfação, desinvestimento, desresponsabilização, desejo de abandonar a docência, absentismo, esgotamento, ansiedade, neurose e depressão”(p.12).

O Bem-estar docente se traduz na motivação e na realização do professor em virtude de um conjunto de competências de resiliência, que é a capacidade de ser flexível nas adversidades ou simplesmente saber manejar o estresse, e de estratégias desenvolvidas para conseguir fazer face as exigências e dificuldades profissionais, ultrapassando-as e melhorando o seu desempenho (JESUS, 2002). Para tanto, o Bem-estar do professor é determinante para o Bem-estar dos estudantes, porque o professor que está motivado e realizado tem uma probabilidade bem maior de também ter discentes com essas características, ou seja, o Bem-estar auxilia no bom relacionamento entre professores e estudantes

O presente artigo detém-se nas relações entre afetividade e educação escolar, a partir de um recorte específico, qual seja, o relacionamento/afetividade entre o professor e as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, afinidade que define fatores entre Mal-estar e/ou Bem-estar docente e que pode gerar, ou não, motivação para o trabalho docente.

¹ Esse trabalho é parte da pesquisa realizada na tese de doutorado, intitulado “Do estágio à docência: Bem-estar e Mal-estar docente na travessia de uma professora iniciante¹”, e integra a linha de pesquisa “Práticas Pedagógicas e suas Relações com a Formação Docente”, do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco e está vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisa Formação, Trabalho e Bem-estar Docente (GEBem/CNPQ).

Para Marchesi (2008), a motivação é uma necessidade gerada pela própria atividade docente e a força da educação reside nos encontros, na comunicação, na cumplicidade, nos projetos compartilhados, na sensibilidade, nos objetivos alcançados e na preocupação com os outros.

Apesar das várias dificuldades e problemas no trabalho, que desafiam os professores e causam manifestação de Mal-estar, “o trabalho docente é também fonte de prazer e Bem-estar, que se manifesta em diferentes níveis de satisfação com os múltiplos aspectos do trabalho, dependendo de cada contexto, história e momento em que se vive a profissão” (Rebolo, 2012, p. 23), que pode ou não se concretizar. Vai depender das características do trabalho bem como o modo como são interpretadas e avaliadas pelo professor, e também do modo como ele enfrenta e resolve os conflitos porque envolve tanto as dimensões objetivas quanto as subjetivas.

Na dimensão subjetiva estão as necessidades, os desejos, as expectativas/projetos de vida, os valores/crenças e a formação; e na dimensão objetiva se encontram quatro componentes: a) da atividade laboral ou do trabalho em si; b) das relações interpessoais; c) das condições sociais e econômicas e d) das condições físicas e de infraestrutura do ambiente escolar (Rebolo, 2012).

Assim, para que o Bem-estar docente se efetive, segundo vários autores, (Mosquera,1979; Marchesi, 2008, Codo,1999) são necessários dois elementos cruciais, que fazem parte tanto da dimensão subjetiva quanto da objetiva e que são os temas discutidos neste trabalho: o “cuidar de si”, e a relação de afeto (aqui compreendido como empatia), entre professor e aluno.

Para tanto, este trabalho tem como objetivo compreender a percepção que cinco estagiárias tiveram sobre o relacionamento (afetividade) entre professores e estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, ao realizarem o Estágio Supervisionado Obrigatório no curso de Pedagogia de uma Universidade pública do Mato Grosso do Sul. A coleta de dados se deu por meio de análise dos Relatórios, que se configura como a última etapa do Estágio, que é organizado em várias etapas: 1) observação; 2) coparticipação; 3) docência; e 4) escrita do relatório sobre toda a vivência do Estágio na Escola.

O cuidar de si e o Bem-estar docente

Para que o Bem-estar se efetive, Mosquera (1979) já afirmava que era necessário o “cuidar de si”. Mas qual é o significado de “cuidar de si”? O que se compreende com “Cuidar de si”? Conforme Mosquera (1979, p.263), implica querer realizar-se todos os dias de sua vida. Reconhecer-se no comando de si, um arquiteto de si, um criador de si. Ser “capaz de doar-se e ao mesmo tempo manter-se íntegro, possibilitando o crescimento de si como algo original, típico e intransferível”.

Marchesi (2008), afirma que o Bem-estar emocional é uma das condições necessárias para a boa prática educativa. É preciso que o professor se sinta bem para educar bem, sem esquecer que o Bem-estar emocional deve vir acompanhado do saber e da responsabilidade moral.

Apesar da comprovação de que o trabalho docente é emocional, nem todos experimentam as mesmas emoções (Marchesi, 2008, p.10), vai depender muito das condições do trabalho. Ainda para esse autor, manter colegas e amigos para compartilhar e inovar e assumir os compromissos com paixão auxilia no Bem-estar docente. Portanto: emoção, compromisso, vida afetiva e atitude ética estão intimamente ligadas (p.09).

Timm, Mosquera e Stobäus (2010) acreditam que o professor deve buscar formas propícias para desenvolver o Bem-estar docente, por meio de uma postura frente ao Mal-estar. E um dos caminhos necessários consiste na confiança de que é possível trabalhar-se a si mesmo – se construindo e reconstruindo-se no dia a dia – evitando, principalmente, sentimentos de autopiedade e de autocomiseração.

Para esses autores, “é preciso, primeiro, legitimar, no sentido de reconhecer-se e não de que deva acomodar-se em sua possível condição de Mal-estar” (p.875), assim como também é necessário trocar a autopiedade pelo “amor a si”, ou seja, é necessário que o professor priorize positivamente a dimensão do cuidado de si mesmo.

Esta atitude é uma postura que rejeita a espera pura e passiva de que “um dia tudo vai melhorar”. Cuidando de si, o professor torna-se muito melhor naquilo que ele é: um ser humano chamado de professor – alguém que quer ser respeitado na sua dignidade e que para tanto, respeita e dignifica a si próprio (Timm; Mosquera; Stobäus, 2010).

Entretanto, o cuidar de si, na profissão docente, está ligado também ao “cuidado com o outro”, porque a profissão de professor assim como outros trabalhos e profissões como o médico, o bombeiro, o enfermeiro é uma profissão que envolve o cuidar de outras pessoas portanto, sempre é uma prática emocional. “Esta prática é o que cativa, colore e expressa os sentimentos das pessoas e os sentimentos daqueles com quem elas interagem [...] a maneira como os professores conduzem seus sentimentos e manifestam suas emoções é sempre importante” (Hargreaves, et.al, 2002, p.132).

Significado de emoção/ sentimento/ afetividade

Mas qual o significado de emoção? Sentimento? Afetividade? Muitas vezes esses termos se confundem. Porém, do ponto de vista conceitual existe um razoável consenso entre os vários autores que estudam o tema de uma diferenciação entre os significados e as funções de cada um, e cada autor tende a adotar uma diferenciação. Não sendo o objeto de estudo desse trabalho, vamos apenas expor as definições baseadas no trabalho que Antonio Damasio (2000) apresenta no seu livro “ O mistério da consciência”. Este autor define emoção como:

A menção da palavra emoção em geral traz à mente uma das assim chamadas emoções primárias ou universais: alegria, tristeza, medo, raiva, surpresa ou repugnância. As emoções primárias facilitam a discussão do problema, mas é importante notar que existem muitos outros comportamentos aos quais se após o rótulo “emoção”. Eles incluem as chamadas emoções

secundárias ou sociais, como embaraço, ciúme, culpa ou orgulho, e também o que denomino emoções de fundo, como bem-estar ou mal-estar, calma ou tensão. O rótulo “emoção” também foi aplicado a impulsos e motivações e a estados de dor ou prazer (Damásio, 2000, p. 55).

Ou seja, para esse autor, existem as emoções universais/ primárias – alegria, tristeza, raiva entre outras; as emoções sociais/ secundárias - ciúmes, culpa, orgulho e também as emoções de fundo que incluem o Bem-estar e o Mal-estar.

As emoções de fundo, para esse autor são quando percebemos que uma pessoa está tensa, irritada, desanimada, animada, abatida e ou entusiasmada. Sem a utilização de qualquer palavra para traduzir, ou seja: “Detectamos emoções de fundo por meio de detalhes sutis, como a postura do corpo, a velocidade e o contorno dos movimentos, mudanças mínimas na quantidade e na velocidade dos movimentos oculares e no grau de contração dos músculos faciais” (Damásio, 2000, p.56). Para esse autor, “As emoções são inseparáveis de nossa ideia de recompensa ou punição, prazer ou dor, aproximação ou afastamento, vantagem ou desvantagem pessoal. Inevitavelmente, as emoções são inseparáveis das ideias de bem e de mal”.

A ocorrência das emoções básicas, é o que constitui, ao longo do tempo, os sentimentos que permeiam as interações em sala de aula.

As emoções são adaptações que integram os mecanismos pelos quais os organismos regulam a vida, quer numa reação específica a uma situação quer na regulação do estado interno do indivíduo. Emoções são conjuntos complexos de reações químicas e neurais, formando um padrão; todas as emoções têm algum tipo de papel regulador a desempenhar, levando, de um modo ou de outro, à criação de circunstâncias vantajosas para o organismo em que o fenômeno se manifesta; as emoções estão ligadas à vida de um organismo, ao seu corpo, para ser exato, e seu papel é auxiliar o organismo a conservar a vida (Damásio, 2000, p. 74-75).

E afeto, segundo esse autor “[...] é aquilo que você manifesta (exprime) ou experimenta (sente) em relação a um objeto ou situação, em qualquer dia de sua vida” (p.85). Mosquera e Stobäus (2006, p.77) explicitam que o professor precisa estar educado para a afetividade, visto que, tratamos com as diversidades em nosso cotidiano escolar e precisamos ter respeito e abertura para compreensão do outro, e noção do inacabamento da condição humana. Os sentimentos, mais precisamente as expressões da afetividade dos professores em relação aos alunos, são cruciais, pois podem ser responsáveis por mudanças de atitude:

A afetividade, expressada pelos sentimentos, reflete as relações das pessoas, e é essencial para a atividade vital no mundo circundante. Pelas modificações dos sentimentos e sua expressão comportamental, podemos analisar a mudança de atitude do ser humano frente às circunstâncias mutáveis ou estáticas de sua vida, em determinados contextos de tempo ou espaço (Mosquera e Stobäus, 2006, p. 130)

Marchesi (2008) explica que, apesar da importância das emoções principalmente entre professor e aluno, por muito tempo, foi considerada “[...]como imprópria para os professores, destrutiva, origem de muitas injustiças e conflitos. Entre as crenças de pesquisadores e professores estava a de considerar que um bom professor é aquele que tem sob controle a esfera emocional” (p.99).

Codo (1999, p.45) comenta que o trabalho do professor se difere de qualquer outro trabalho, porque “o trabalho do educador é imediatamente histórico”, ou seja, na maioria dos trabalhos a relação acontece neste molde: “Modificar a natureza > modificar a si mesmo > produto > modificar o outro”. Já no trabalho do professor a relação é imediata, “modificar a si mesmo > modificar o outro”.

Esse autor traz como exemplo a profissão de marceneiro, que da madeira (natureza), transforma em mesa (produto) que modifica os outros (comer na mesa). “O professor transforma o outro através do outro mesmo, sem mediações. O seu produto é o aluno educado, e a mudança social na sua expressão mais imediata. E se a relação entre professor e aluno é uma relação considerada imediata e direta com o outro, é, portanto, necessariamente uma relação permeada pelo afeto” (Codo,1999, p.46).

O afeto foi expulso do trabalho pela organização Taylor-fordista que se inaugurou com a fábrica e a consolidação do capitalismo. O afeto, o carinho e o cuidado eram sentimentos que deveriam ser cultivados nos lares, o ambiente de trabalho ficava restrito à racionalidade e à burocracia (Codo, 1999).

Marchesi (2008) explica que as mudanças na forma de abordar as emoções dos professores tiveram início nos anos de 1990, com o trabalho de Nias², que propôs compreender como surgem as emoções no processo de ensino e aprendizagem, pois considera que as emoções são fruto da interação com os alunos e colegas, mas que também existem em função das demandas e exigências do sistema educacional. Hoje sabemos que todo trabalho envolve algum investimento afetivo, mas e o trabalho do professor?

Codo (1999, p. 50) comenta que na profissão docente “a relação afetiva é obrigatória para o exercício do trabalho, é um pré-requisito”, sem o envolvimento afetivo o ensino-aprendizagem não tem como cumprir seus objetivos.

A formação inicial e continuada para promover o Bem-estar

Para auxiliar os professores a promover o Bem-estar e propiciar essa aprendizagem do “cuidar de si” é necessário pensarmos na inserção de intervenções tanto na formação inicial como na formação continuada.

Alguns autores (Jesus, 1998, 2000, 2002, 2007; Jesus, Vieira, Mosquera, Stobäus e Esteve, 2004; Jesus, Mosquera e Stobäus, 2005; Sampaio, 2008; Jesus, Mosquera, Stobäus e Sampaio, 2008; Jesus et al., 2011) defendem a necessidade desse auxílio, tanto na formação inicial quanto na continuada para que o docente aprenda a desenvolver competências, qualidades e estratégias para fazer frente a esses desafios, contribuindo para a promoção do seu Bem-estar profissional e pessoal.

A formação continuada, como explicita Jesus (1998), deve ser entendida como um processo que deve, fundamentalmente, constituir uma oportunidade de (re)construção do Bem-estar docente,

²Nias, J. (1996). Thinking about Feeling: the emotions in teaching. *Cambridge Journal of Education*, 26 (3), 293-306.

sendo fundamental que se constitua em oportunidade para a cooperação, no sentido da resolução de problemas comuns, fornecendo apoio mútuo.

Nessa perspectiva, a formação deve centrar-se nos problemas reais dos professores, porque o foco principal tem de ser a sua prática diária na escola, pois “cada vez deve-se conceber a formação de professores como um processo de autoaprendizagem e reflexão na e sobre a prática, de acordo com o modelo de professor reflexivo” (Nóvoa, 2013, p. 227).

Esse autor, ao comentar sobre a importância da formação, enfatiza e prioriza principalmente para os professores em início de carreira:

É necessário considerar que um momento particularmente sensível na formação de professores é a fase de indução profissional, isto é, os primeiros anos de exercício docente [...]. Neste sentido, este momento deve ser organizado como parte integrante do programa de formação em articulação com a graduação e o mestrado. Nestes anos em que transitamos de aluno para professor é fundamental consolidar as bases de uma formação que tenha como referência, lógicas de acompanhamento, de formação-em-situação, de análise da prática e de integração na cultura profissional docente (Nóvoa, 2013, p.228).

Na mesma direção, Flores (2010) aborda que a formação dos docentes depende de determinado contexto, das competências que se reconhecem e se exigem ao professor, mas também das oportunidades e dos processos de formação proporcionados aos futuros professores nas instituições de ensino superior.

Como destaca a autora, essa transição do discente a professor encontra-se marcada pelo reconhecimento crescente de um novo papel institucional e pela interação complexa entre essas perspectivas, crenças e práticas habituais distintos, às vezes conflitais, com implicações ao de transformação da identidade profissional (Flores, 2010).

A formação inicial deve contemplar a importância da afetividade entre educador e educandos, para Hargreaves (2002) “as emoções estão no coração do ensino” e dificilmente alguém pode negar essa constatação.

Jesus (2007), ao se pronunciar sobre os cursos de formação de professores de Portugal, destaca o estágio supervisionado como uma das fases mais importantes da formação inicial. Segundo esse autor, o estágio é um período fundamental na carreira de qualquer professor, pois é a fase inicial de prática profissional, sendo esta etapa as experiências mais “marcantes”; é a fase em que os professores sentem maior necessidade de aprendizagem, estando mais suscetíveis às sugestões e é um período do percurso profissional em que está institucionalmente previsto acompanhamento e orientação. Por isso, uma orientação adequada nesta fase pode contribuir para uma perspectiva de maior confiança, dedicação e motivação relativamente para o resto da carreira.

Neste sentido o objetivo dessa investigação, é analisar a percepção de cinco estagiárias, narradas no Relatório final do Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental realizados em cinco escolas Públicas Municipais, sobre a relação de afeto/empatia entre professor e aluno e o “cuidar de si”. A escolha das participantes, se deu por terem sido aprovadas em uma prova escrita no concurso para professores de uma rede municipal de ensino.

A realização desta investigação se justifica pela tentativa de compreendermos a complexidade da docência e do estágio da Pedagogia bem como trazer significativas contribuições para a compreensão dos fatores de Bem-estar docente.

A afetividade e o trabalho do professor: concepção das estagiárias

A pesquisa presentemente relatada, tal como já mencionamos no início do artigo, coletou seus dados através da análise dos Relatórios do Estágio Supervisionado realizados na docência nos anos iniciais do ensino fundamental, por cinco acadêmicas do 4º ano de Pedagogia. A forma como coletamos os dados, no primeiro momento foi por meio de uma leitura detalhada dos relatórios, selecionando os parágrafos em que se encontravam a palavra afetividade, no segundo momento, retomamos a leitura desses parágrafos e organizamos por categorias: Entendimentos sobre afetividade; percepção de professores com envolvimento afetivo, ou seja, atenciosos com as crianças; e percepção de professores que não demonstraram empatia com as crianças.

Entendimento sobre a afetividade

Ao analisarmos as narrativas das estagiárias-participantes, pudemos perceber que a palavra afetividade, utilizada nos relatórios, está relacionada somente à atitudes e comportamentos “positivos”. Não compreendem afetividade como sentimentos de ódio, raiva, medo, por exemplo. Porém, a psicologia declara que nossa vida afetiva, ou seja, nossa afetividade é um conjunto de todos os nossos sentimentos, emoções, humores, paixões, sejam eles, positivos e ou negativos, como declara Codo (1999, p. 51):

Afeto vem do latim *affectu* (afetar, tocar) e constitui o elemento básico da afetividade, conjunto de fenômeno psíquico que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação e insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza.

O trabalho do professor está baseado, muito mais do que se imagina, nas relações interpessoais com os seus alunos e com os outros colegas de profissão, pois alegrias, tristezas, ansiedade, irritação, frustração e preocupação são alguns dos afetos/emoções³ que o professor vive no seu dia a dia, mas, alguns conseguem ter o privilégio de sentir mais emoções positivas, porém outros, ao contrário, pesa mais as emoções negativas. Estes, segundo Marchesi (2008, p 97), “sofrem de estafa, sentem-se desvalorizados ou sofrem uma pressão contínua por parte dos alunos e das suas famílias”.

³**Afeto e emoção** nesta pesquisa tem a mesma conotação porque para Fonseca, (2016, p.366): “As emoções no seu aspecto mais abrangente encerram, em paralelo, aspectos comportamentais positivos e negativos, conscientes e inconscientes, e podem equivaler semanticamente a outras expressões, como a afetividade (segundo Erikson E. *Childhood and society*. New York: Norton; 1963. e Ajuriaguerra J, Hécaen H. *Le cortex cérébral*. Paris: Masson & Cie; 1964). A inteligência interpessoal, a inteligência emocional; a cognição social; a motivação, a conação, o temperamento e a personalidade do indivíduo, cuja importância na aprendizagem e nas interações sociais é de crucial importância e relevância. FONSECA, V.; Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem psicopedagogia. **Rev. Psicopedagogia**; 33(102): 365-84, edição especial, 2016. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v33n102/14.pdf>

E foram esses envolvimento emocional, ou seja, a afetividade⁴, que mais chamaram a atenção de Maria⁵ nas observações realizadas nas cinco salas de aula. Ela traz vários relatos que testemunham a “afetividade” desses relacionamentos:

[...] em relação à professora, foi notório que era enérgica quando necessário e também era afetuosa e carinhosa com os alunos. Em nenhum momento da aula ela gritou ou colocou aluno de castigo” (MARIA, 2018).

Tarsila se mostrou encantada com o respeito existente entre uma das professoras e seus alunos, ao observar uma atividade extra- classe:

Durante a observação, me deparei com várias situações de carinho e amor dos alunos para com os professores. No terceiro ano, por exemplo, pude observar que a professora tem um afeto por todos os alunos. E por sua vez, os alunos tem muito carinho por ela, a respeitam e realizam todas as tarefas, estão sempre querendo agrada-la (TARSILA, 2018).

Para Codo (1999, p. 50), a relação carinhosa entre professor e aluno é uma necessidade básica para que a construção do conhecimento aconteça. O professor precisa que os alunos “estejam do seu lado, se estiverem contra ele, funcionarão como obstáculo a qualquer conteúdo a ser assimilado”. Explica, também, que o professor precisa “seduzir”, ou seja, “trazer para o seu lado” e alerta que se, essa relação afetiva não se estabelecer, é ilusão acreditar que o sucesso do educar se completará.

As participantes também identificaram algumas posturas de professores que comprovam essa premissa. Segundo Maria, alguns dos professores demonstram não terem nenhuma afetividade para com os alunos:

Nesta sala, não existe afetividade [...] as crianças não têm afinidade com ela e nem respeitam a aula, e nos pareceu que ela estava ali para cumprir tabela, pois ficou reclamando a aula toda e dizendo que aquela aula tinha regras, que queria silêncio (MARIA, 2018).

Sabine também relatou experiências com professores que se negam a ter qualquer vínculo afetivo com seus alunos:

A professora pareceu ser bem rígida com os alunos, sendo que a relação dela com os alunos é estritamente profissional, mostrando que tem pouco vínculo afetivo com os alunos. Pude perceber isso quando um dos alunos foi abraçá-la, e ela se recusou.

Segundo Codo (1999, p.50), desta forma, ou seja, “se os movimentos são bruscos e os passos fora do ritmo é ilusório querer acreditar que o sucesso do educar será completo” (p.50). Mas o trabalho do professor pode ser uma ocupação felicitária em vez de uma ocupação trabalhosa: “o trabalho de educar tem tudo para ser o melhor e ao mesmo tempo é um tipo de trabalho dos mais delicados em termos psicológicos” (Codo, 1999, p. 50), porque não é um trabalho fragmentado (apesar de esbarrar em

⁴ Afetividade, nas narrativas dos relatórios do estágio das participantes tem conotação apenas positiva, como carinho, atenção, dedicação, afeição, entre outros.

⁵Todos os nomes das estagiárias participantes são fictícios.

obstáculos formado pelo conjunto de regras, normas e técnicas impostas pelas políticas e pela gestão pública).

Para Codo (1999), é o professor quem controla todo o processo em sala de aula, tem ampla liberdade de ação para criar, para definir o ritmo, a sequência das atividades e, além disso, tem mais uma particularidade: apesar de que quase todos os trabalhos, de uma ou outra maneira envolver algum investimento afetivo por parte do trabalhador, na profissão de professor esse envolvimento é obrigatório, é um pré-requisito, é necessário para que ocorra uma “corrente de elos de afetividade” (idem, p.51), para que se desenvolva a motivação, a cooperação, a boa vontade, o interesse, a criatividade, a disposição, tanto por parte dos alunos quanto do professor.

Todos os professores, mas principalmente o professor da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, devem compreender que fazem parte do trabalhador considerado, segundo Codo (1999), de *care-givers* – doadores de cuidado - assim como os enfermeiros ou assistentes sociais. O cuidado é definido por Codo (1999) como “uma relação entre dois seres humanos cuja ação de um resulta no Bem-estar do outro”. O trabalho de professor tem que ter uma atenção particularizada ao outro, que é o que diferencia entre o fazer e o não fazer sua obrigação. Assim, ou o professor leva em conta os vínculos afetivos com o aluno, com o produto, com as tarefas, ou aos poucos os fatores do Mal-estar, tanto no professor quanto nos alunos vão se instaurando na sala de aula.

Porém Marchesi (2008, p. 104) comenta que essa relação não é tão simples, é necessário evidenciar que “[...] as emoções no trabalho, dependem em grande medida do contexto no qual os profissionais desenvolvem sua atividade, das convicções sociais sobre o ensino e da regulação cultural do mundo emocional”. E o estudo sobre a afetividade não pode ficar restrito apenas aos sentimentos entre professor e aluno e deve se estender para as outras relações também, algumas fáceis de perceber como, por exemplo, as relacionadas com os colegas, com os pais. Porém existem as que não são tão visíveis e, segundo Marchesi (2008), bem poderosas, “[...] como aquelas que se referem à percepção do efeito das mudanças propostas na identidade profissional dos docentes e na sua sensação de sucesso ou fracasso” (p.105).

Codo (1999) alerta também que é grande a possibilidade de um conflito entre o vínculo afetivo e emocional na relação entre professor e aluno e a competência profissional do professor. Para esse autor, apesar de a atividade de educar exigir do professor vínculos afetivos e emocionais com o objeto do seu trabalho, ou seja, com o seu aluno, a realização desse afeto pode ser interdita na medida em que a interferência do professor sobre o aluno nunca pode ser completa, porque instala a possibilidade inquietante da perda de controle sobre o produto (o aluno) e, conseqüentemente, sobre a sua competência profissional.

Considerações finais:

Em primeiro lugar necessitamos que a educação seja entendida como uma tarefa de toda a sociedade, como nos alerta Jesus (1998, p. 55) pois “[...] para revalorizar a profissão docente, restituir o orgulho de ser professor aos que desempenham essa atividade profissional e levar aos potenciais professores a desejar exercer a profissão” é preciso que todos: professores, alunos, famílias, instituições, enfim que toda a sociedade se responsabilize pela educação.

Em segundo lugar, os docentes possam compreender seu estado emocional, precisam aprender a avaliar e trabalhar com suas próprias emoções e as emoções de seus educandos e colegas. Nesse sentido, o docente que nega a afetividade, encarando-a como antiprofissional, só aumenta as tensões e conflitos em sala de aula, transformando-a em um espaço hostil e pouco acolhedor (Ferronato, 2020, p.54).

Porém a relação entre professores e alunos não é uma relação tão simples, as emoções no trabalho vão depender do contexto global. Para tanto é necessário que os estudos sobre a afetividade não se restringiam apenas a relação entre professores e alunos, mas a todas as outras relações, como por exemplo os colegas de trabalho e aos pais dos alunos.

É necessário ficar atento, pois apesar de a atividade de educar exigir do professor vínculos afetivos e emocionais com o objeto do seu trabalho, ou seja, com o seu aluno, a realização desse afeto pode ser interdita na medida em que a interferência do professor sobre o aluno nunca pode ser completa, porque instala a possibilidade inquietante da perda de controle sobre o produto (o aluno) e, conseqüentemente, sobre a sua competência profissional.

REFERENCIAS

CODO, W. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. 4ª.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

DAMÁSIO, A. **O mistério da consciência, do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ESTEVE, J.M. **O Mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Tradução de Durley de Carvalho Cavicchia, Bauru/SP: EDUSC, 1999.

FERRONATTO, Eliane Terezinha Tulio. **Do estágio à docência: Bem-estar e Mal-estar docente na travessia de uma professora iniciante**. 2020. 187p. Tese (doutorado em educação). Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande/MS. 2020. <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/1034249-tese-eliane-ferronato-2.pdf>

FLORES, M.A. algumas reflexões em torno da formação inicial de professores. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 182-188, set./dez. 2010.

HARGREAVES, A. **O Ensino na Sociedade do Conhecimento: a educação na era da insegurança**. Coleção Currículo, Políticas e Práticas. Porto: Porto Editora, 2003.

- JESUS, S. N. **Bem-estar dos professores**: estratégias para realização e desenvolvimento profissional. Porto: Porto Editora. 1998.
- JESUS, S.N. Desmotivação e crise de identidade na profissão docente. **KATÁLYSIS**, v. 7 n. 2 jul./dez. 2002 Florianópolis SC 192-202.
- JESUS, S. N. **Professores sem stress**: realização profissional e bem-estar docente. Porto Alegre: Mediação. 2007.
- MARCELO GARCIA, C. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto, 1999. 272 p. (Coleção Ciências da Educação – Século XXI, v. 2).
- MARCHESI, Á. **O bem-estar dos professores**: competências, emoções e valores. Tradução de Naila Tosca de Freitas. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- MOSQUERA, J. J. M. **As ilusões e os problemas da vida**. Porto Alegre, RS: Sulina, 1979.
- MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação. **Educação**, Porto Alegre, ano XXIX, n. 1, p. 123-133, jan./abr. 2006.
- NÓVOA, A. **Desafio do trabalho do professor no mundo contemporâneo**, Palestra realizada no Sindicato dos Professores de São Paulo, 2007
- NÓVOA, A. Professores e as histórias da sua vida. In: NOVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 20. p.11-30.
- REBOLO, F. Caminhos para o bem-estar docente: as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos professores frente às adversidades do trabalho docente na contemporaneidade. **Questio**, Sorocaba, SP, v. 14, n.1, p. 115-131, maio 2012.
- SILVA, R.C. da. ; SAMPAIO, A. R. Saberes docentes e didática: as possibilidades da formação de professores em exercício. V. **CONEDU**. Congresso Nacional da Educação, 2018. https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA2_ID8694_13092018144219.pdf.
- TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.
- TIMM, E.Z.; MOSQUERA, J.J.M.; STÖBAUS, C.D. O mal-estar na docência em tempos líquidos da modernidade. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. vol.X, nº3, p.865-885, Fortaleza. Set/2010.

*Recebido em: 04 de outubro de 2023.
Aprovado em: 04 de novembro de 2023.*